



**Lições sobre a experiência de uma rede integrada (produtores e consumidores) de economia solidária: a Feira Virtual Bem da Terra**

CRUZ, Antônio<sup>1</sup>;  
MENDONÇA, Henrique<sup>2</sup>

**RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA**

**Grupo Temático: 7 - Economia Solidária, Finanças solidárias, Comércio justo, Redes e Desenvolvimento solidário**

**Resumo**

A Feira Virtual Bem da Terra, e o Rizoma Bem da Terra, foram experiências desenvolvidas na microrregião sul do RS (Pelotas e Rio Grande como cidades-pólo) a partir de 2014. Elas reuniram coletivos de consumidores responsáveis em cinco diferentes municípios, em vínculo com uma rede de aproximadamente 25 empreendimentos solidários da micro-região sul do RS, que congregava cerca de 140 produtores/as urbanos e rurais. Estruturados como uma “rede de redes”, a inovação mais visível era o uso de uma plataforma virtual de encomendas semanais, disponibilizada no Portal Cirandas, do Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES). Mais importante, porém, é que essa estrutura rizomática permitia um fluxo importante de produção e consumo organizados, assentados a partir dos princípios da economia solidária. Durante o período da pandemia, a rede atingiu seu auge em termos de volumes de comercialização, mas do ponto de vista organizativo, antes disso já vivia uma crise que levaria ao seu ocaso em 2023. O que aconteceu? Responder esta pergunta será o objetivo deste trabalho, quando completo.

**Palavras-chave:**

redes de economia solidária; produção solidária; consumo responsável; comércio justo local; acumulação solidária

**Contexto**

A “Rede Bem da Terra – Comércio Justo e Solidário” (RbdT) nasceu em 2009 na região de Pelotas (RS), como resultado prático-concreto de uma pesquisa-ação desenvolvida pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (Intcoop) da Universidade Católica de Pelotas (UCPel). O objetivo era estudar as formas de comercialização dos empreendimentos econômicos solidários (EES) locais, em perspectiva comparada a redes já estruturadas em outras experiências, no Brasil e fora dele.

Inicialmente, a rede foi formada por 14 EES, urbanos e rurais, com significativa diversidade de produtos. Embora a ideia inicial fosse a constituição de um “mini-mercado da economia solidária”, a iniciativa fundacional foi a realização de feiras mensais, junto

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas, Tecsol-UFPel, antoniocruz@uol.com.br

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas, Tecsol-UFPel, henriqueafmufpel@gmail.com



ao campus da UCPel.

Procurando avançar em seus objetivos, a RBdT constituiu uma associação (CNPJ) em que os associados não eram indivíduos, mas EES, consolidando então um “coletivo de coletivos”. Em 2013, as feiras passaram também a acontecer no Instituto Federal Sul-Riograndense (campus Pelotas), e em 2014, com o apoio do Nestic-UCPel<sup>3</sup>, abriu uma loja de produtos de artesanato no Mercado Público.

Foi nesse ano, também, que um novo projeto – desenvolvido em parceria entre o Tecsol-UFPe<sup>4</sup> e o Nestic-UCPel – ganhou impulso: a construção de um “GCR” (*grupo de consumo responsável*) diretamente vinculado à Rede Bem da Terra. O projeto incorporava o uso de uma plataforma de comercialização solidária, desenvolvida pela Cooperativa EITA, para o FBES.

Seu primeiro ciclo de compras ocorreu em dezembro/2014. Nos anos seguintes, a experiência foi emulada em outros quatro (4) municípios da região (Rio Grande – “Armazem da EcoPopSol”; São Lourenço do Sul – “Jerivá”; Jaguarão – “Casa da EcoSol”; e Canguçu - “Canguçu”), o que levou à formação do “Rizoma Bem da Terra”.

Neste momento (2017), a Rede somava cerca de 30 EES produtivos (em torno de 180 produtores) e uma Rede de GCRs (o Rizoma) com cerca de 250 consumidores cadastrados em seu total.

Os ciclos de compras eram semanais ou quinzenais, dependendo de cada GCR, que por sua vez geriam listas específicas de oferta na plataforma Cirandas. O ciclo funcionava assim: (i) no começo da semana, as equipes de apoio atualizavam a oferta de produtos (em Pelotas, eram cerca de 600 itens, em 12 categorias diferentes); (ii) durante a semana, os consumidores escolhiam suas encomendas; (iii) na sexta-feira, os produtores eram avisados dos pedidos, que entravam em produção; (iv) no sábado, os produtos eram entregues em pequenos centros de distribuição (em Pelotas, havia uma logística de recolhimento dos produtos); (v) então, um minimutirão de consumidores separava os produtos por pedidos individuais, que então eram buscados pelos consumidores, que faziam o pagamento; (vi) na segunda-feira, outra equipe de apoio contabilizava as entregas e fazia os pagamentos aos produtores. E então, começava tudo de novo.

### Descrição da Experiência

Entre 2015 e 2023 foram realizados – apenas na Feira Virtual Bem da Terra, de Pelotas – cerca de 405 ciclos de compras, movimentando aproximadamente R\$ 690 mil (média de R\$ 1.700 por ciclo, ao longo dos nove anos, com alguns intervalos de férias). Os volumes de comercialização cresceram entre 2015 e 2017, declinaram lentamente daí até 2019, e tornaram a aumentar significativamente durante a pandemia, em 20-21. A partir de 2022, a organização toda retrocedeu rapidamente e finalmente se extinguiu em 2023.

Especialmente no período 2016-22, quando o PAA e a PNAE desapareceram, a Feira Virtual representou a principal fonte de renda para muitas das famílias produtoras

3 Núcleo de Economia Solidária e Incubação de Cooperativas, nome adotado em substituição à Intcoop, por determinação da Reitoria da UCPel.

4 Núcleo Interdisciplinar de Tecnologias Sociais e Economia Solidária da Universidade Federal



rurais envolvidas no processo (cerca de 25).

Foram realizados quase uma dúzia de encontros conjuntos produtores-consumidores, em que se estreitavam os laços de solidariedade, bem como em visitas de consumidores a propriedades e a feiras regionais e nacionais de economia solidária.

A diversidade produtiva era grande: hortifrutis agroecológicos; panificados; alimentos semi-processados orgânicos (arroz, café, farinhas, erva-mate, castanhas etc.); leite e laticínios; sucos e bebidas; doces de diversos tipos; flores e plantas ornamentais; artesanatos; roupas; produtos de higiene e limpeza; cosméticos naturais; insumos para horta e jardinagem etc.

Centenas de consumidores participaram da experiência, em diferentes momentos, num total de 547 cadastros na plataforma, ao longo do tempo. O ingresso nos GCRs, inclusive, era condicionado à participação em uma oficina de acolhida, onde havia um processo de formação (sobre economia solidária, consumo responsável, e o funcionamento da Rede). Inicialmente, estavam organizados em núcleos: de sindicatos, de escolas, de universidades, de movimentos sociais, de partidos políticos, de afinidades religiosas etc. Mais tarde, os núcleos foram diluídos num coletivo unificado. Em 2018, foi formalizada a Associação Educacional para o Consumo Responsável Rede Bem da Terra (CRUZ, 2020).

O Rizoma Bem da Terra (rede de GCRs) fazia compras “por atacado”, referentes aos produtos que não eram produzidos na região, mas sempre de empreendimentos solidários. Café de MG, farinhas de trigo do noroeste do RG, castanhas do AC e do RN etc. Os pedidos eram feitos previamente pelos GCRs, com base no histórico da demanda de cada grupo.

Durante a pandemia, uma importante iniciativa tomou corpo: a construção de um mecanismo de acreditação interna, referente à condição de empreendimentos solidários dos grupos, e de transição agroecológica dos coletivos rurais (ALEGRINI, 2020).

Porém, nunca foi fácil fazer essa engrenagem toda funcionar. Mesmo assim, sempre havia um “núcleo estrutural” (que se modificou em sua composição ao longo do tempo) que fazia o processo acontecer.

Havia muita cooperação e muita solidariedade, mas não só; também havia conflitos, disputas e ataques externos à iniciativa. Além disso, nem sempre os processos de gestão econômica foram eficientes ou bem administrados. Ao longo do tempo, os laços de solidariedade foram se afrouxando e as dificuldades se ampliando.

## Resultados

Nos dois últimos anos (2024 e 25), em diferentes momentos, o Tecsol-UFPEL promoveu rodadas de reflexão sobre esta experiência. Na nossa percepção, entre os fatores que levaram ao seu desaparecimento, pode-se apontar:

1. a ausência dos produtores no processo de gestão da Feira Virtual, pese todos os apelos realizados desde o início para que eles assumissem compromissos e responsabilidades neste sentido;
2. uma percepção preponderantemente mercantil de parte dos produtores, com pouco engajamento do ponto de vista da cooperação e da inter-cooperação entre eles mesmos, especialmente dos produtores rurais;



3. dificuldades na longa e difícil transição dos consumidores, da cultura do consumo alienado à cultura do consumo responsável;
4. a ausência – e em certos momentos e aspectos, até mesmo a sabotagem – de poderes e políticas públicas, ou apenas sua clara inadequação para dar suporte a esse tipo de experiência;
5. uma insuficiência crônica nos processos de comunicação externa (publicização) e a ausência de comunicação interna que suportasse processos mais robustos de autogestão;
6. sucessivas tentativas de apropriação da experiência – por indivíduos, por grupos ou mesmo organizações políticas – movidas por interesses particularistas, alheios e desconhecedores dos princípios e mecanismos da economia solidária.

### Considerações Finais

Cada um desses fatores mencionados acima precisa ser dissecado. É preciso dar clareza e precisão a cada fenômeno, analisando seus vetores e seus efeitos sobre o processo.

Foi uma experiência extremamente rica, que pode ser replicada, mas que precisa certamente ser aperfeiçoada, e que se inscreve no movimento mais geral da *acumulação solidária* (CRUZ, 2011). O artigo completo buscará contribuir para essa análise.

### Referências

ALEGRINI, Vitor et al. Diretrizes do sistema de acreditação da Rede Bem da Terra. In: **Cadernos de Agroecologia**, v.15, n.2. Aracajú: CBA, 2020.

CRUZ, Antônio. A acumulação solidária – os desafios da economia associativa sob a mundialização do capital. In: **Revista Cooperativismo & Desarrollo** n.99 Bogotá: UCC, 2011.

CRUZ, Antônio. Para uma metodologia de incubação de grupos de consumo responsável - alternativas para a comercialização na economia solidária e agroecologia. In: **Revista Economia e Desenvolvimento**, v.32. Santa Maria-RS: EdUFSM, 2020.